



# mutações do laço social o novo nas parcerias

XXIV  
Jornada  
EBP-MG  
{fora de série}

## **Novo desejo, nova relação com a língua, novo uso do objeto: um novo amor?**

Musso Greco

O amor pode permitir que se faça laço a partir do gozo do Um veiculado pelo sintoma. Está lá no Seminário 20 de Lacan essa relação do amor com o Um, do laço como o que se forja como suplência ao abismo da relação que não há. Temos que nos haver agora com esse laço entre aqueles que falam como um laço que sofre mutações nas parcerias sinthomáticas, na contingência dos encontro aos quais se quer atribuir sentido, no ponto de suspensão a que se agarra todo amor.

O amor está lá, no começo de uma análise. E no final? O que sucede ao amor depois da queda dos S1 e da saída do gozo da repetição? O amor ao sintoma se encaminha para um amor ao sinthome, que, na falta do Pai, trata o Real? A psicanálise, como disciplina da letra, transforma o sintoma – sempre construído a partir da exigência de que no inconsciente haja relação sexual – em um texto, cifrando o gozo, o que torna possível a abordagem do sinthome – solidário da constatação do fato de que não há relação.

Ao abordar o inconsciente na dimensão da satisfação do Um-sozinho, nos deparamos com o que concerne ao gozo e faz furo. Ao presentificar o insucesso do inconsciente quanto à satisfação obtida, o analista faz aparecer o furo a respeito do qual o inconsciente não sabe que sabe, e aí o amor acontece. Amor a partir do furo, do gozo do Um não alcançado. Amor ligado ao saber no Real, ao saber-fazer com o gozo e com seu furo.

Assim, a partir do último ensino de Lacan e da clínica dos nós, o inconsciente pode ser pensado do lado do analisante como um saber fazer com a língua, em uma nova relação com a pulsão. As marcas do exílio da relação sexual se condensam e o encontro contingente com o parceiro-sintoma – um novo amor – pode se dar. Alguns relatos de Passe pontuados por Eric Laurent (Revue Quarto 124) situam o parceiro-sintoma amoroso como o que vem ao fim de um processo de

“dessecação” (secagem) das complicações do amor, de uma travessia das identificações fálicas e de uma aceitação do não-todo. Trata-se de um novo amor por ser distinto do modo de gozo do sintoma. “Casar-se com a voz”, em lugar de dar a voz ao Outro. “Casamento com o objeto oral”, produzido após o sujeito cruzar todos os labirintos pelos quais o corpo veio a se ligar ao Outro na dimensão da morte, num gozo que se produz no corpo do um, mas por meio do corpo do Outro. “Amor à língua”, na perspectiva de um novo amor (uma nova relação com a língua) que toma a forma de um novo desejo, que se situa no paradoxo de uma “ausência de onde isso fala”, em lugar de uma ausência que o sujeito espera que fale com ele. “Amor inverso do Ideal”, em lugar da insistência, do afinco e do encontro sempre perseguido, retomados sempre em significações edipianas, que se rompem quando o sujeito percebe a relação disso a um gozo sem garantias edipianas. “Novo casamento com a pulsão”, no qual todos os significantes se articulam em torno de uma escritura (dos nós), para um sujeito que encarna a contingência, passando de um “Fala comigo” da erotomania para o Inconsciente que se lê no encontro, e que inclui o parceiro-sintoma.